

Desejo de presença: momentos de intensidade em shows de HMC

DESIRE FOR PRESENCE: MATERIALITY AND INTENSITY MOMENTS IN CHRISTIAN HEAVY METAL SHOWS

Ângela Coradini, Dolores Galindo

Resumo

A partir de uma contemporaneidade permeada por um “desejo de presença”, este ensaio procura pensar uma das expressões cristãs do pentecostalismo/neopentecostalismo brasileiro, o Heavy Metal Cristão (HMC), sob as noções, elaboradas por Gumbrecht (2010), de “produção de presença” e “momentos de intensidade”, assinalando o HMC como uma disposição específica mais próxima de uma produção de presença. Se as relações dos corpos com outros corpos e com o mundo, mais contemporâneas, buscam intensidade, em reação a um mundo mergulhado em excesso hermenêutico, esse desejo também atravessa as relações do atual pentecostalismo/neopentecostalismo brasileiro, por meio de ações que marcam uma acentuação das dimensões materiais e da presença.

Palavras-chave

Experiência Estética; Heavy Metal Cristão; Produção de Presença.

Abstract

In a contemporaneity filled with a “desire of presence”, this text aims to analyze the Brazilian pentecostalism/newpentecostalism expressions, in this specific case, Christian Heavy Metal, based on the “production of presence” and “intensity moments” notions elaborated by Gumbrecht (2010), indicating Christian Heavy Metal as a specific disposition closest to a “production of presence”. If the relations between bodies in contemporaneity look for intensity as opposed to a world flooded in a hermeneutic overload, this desire also penetrates the relations in Brazilian pentecostalism/newpentecostalism, through actions that emphasize the material and presence dimensions.

Keywords

Aesthetic Experience; Christian Heavy Metal; Production of Presence.

Ângela Coradini

UFMT

Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Comunicação Social pela mesma universidade.

angelacoradini@gmail.com

Dolores Galindo

UFMT

Doutora em psicologia social pela Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, UNESP/Assis.

dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

Introdução

Se há um desejo de presença que permeia a contemporaneidade, o que Gumbrecht (2010) descreve como um querer as coisas do mundo próximas à pele, este ensaio se dedica a pensar uma das manifestações do cristianismo pentecostal/neopentecostal contemporâneo brasileiro, resultado de dinâmicas de aproximação ao mundo, o Heavy Metal Cristão¹, por meio das proposições de produção de presença e momentos de intensidade. A acentuação da dimensão da presença no tempo presente, o desejo de tangibilidade que parece vigorar, tem atravessamentos com as reflexões que Gumbrecht faz a propósito da contemporaneidade.

Destemporalização, destotalização e desreferencialização (GUMBRECHT, 1998a) são conceitos que caracterizariam uma “situação pós-moderna” cuja conjuntura teria capacidade de desfazer, neutralizar e transformar os efeitos das “cascatas de modernização” (GUMBRECHT, 1998b, p.31), acumuladas a partir do século XV. No conceito de desreferencialização, o autor assinala a perda do corpo – perda da “fricção do corpo com a matéria” – como resultado de um mundo mergulhado na representação excessiva (GUMBRECHT, 1998, p. 138), sinalizando a “presença, intensidade e percepção” (GUMBRECHT, 1998b, p.35) como associadas às formas de relação mais contemporâneas. Assim, o “desejo de presença”² ocorreria em reação à “perda do corpo” (GUMBRECHT, 2010), e esse desejo, ao permear as relações – dos corpos com outros corpos e com o mundo que os cerca –, revelariam contextos também acessíveis, através de uma produção de presença e não apenas por uma produção de sentido.

O Heavy Metal Cristão é apresentado neste ensaio como uma expressão herdeira do pentecostalismo/neopentecostalismo brasileiro contemporâneo, uma vertente religiosa pautada por práticas que buscam intensificar momentos de presença. Essas práticas pentecostalismo/neopentecostalismo brasileiro enquanto formas de relação e de ação alicerçadas num desejo de presença, têm sido descritas como “desinterdição de mundanidades” (JUNGLEBUT, 2007, p.145), um potente processo que derruba pilares e estruturas dentro do cristianismo, instituindo um caminho quase inverso de busca ao sagrado, possibilitando, o surgimento de um movimento cultural evangélico que apostam em discursos e espaços mais sintonizados com a cultura contemporânea, junto ao deslocamento da espera pela vida eterna, por um “priorizar a vida aqui e agora” (MARIANO, 2010, p.8).

Para estabelecer uma leitura da dimensão intensiva do HMC, no primeiro momento deste texto, apresentamos o HMC enquanto encontro entre o gênero *heavy metal* e o escopo do neopentecostalismo. Posteriormente, trazemos os conceitos e noções de “produção de presença” e “momentos de intensidade” desenvolvidos por Gumbrecht (2010), sempre alocados em uma argumentação da “perda do corpo”. E então, a partir dos *shows* de HMC,³ aproximamos os relatos⁴ de uma noite de *show* com as camadas de argumentações dos momentos de intensidade descritas pelo autor. É importante pontuar que as descrições correspondem aos *shows* duas bandas específicas: Antidemon, de São Paulo-SP, e Menorah, de Cuiabá-MT.

Heavy Metal Cristã: neopentecostalismo numa cruzada proselitista dos corpos

Corpos de roupas pretas, coturnos, cabelos longos e tatuagens pelo corpo, balançam suas cabeças conduzidos pela densa e estridentes sonoridade do *metal*. As expressões são rígidas, os movimentos duros, enquanto os gritos e os socos no ar complementam as dessincronizadas coreografias que avolumam a estética dos corpos. As camisetas estampam

1

Sempre que aludirmos a *shows* de HMC, estaremos remetendo aos *shows* de duas bandas específicas, as quais fazem parte do corpo das duas igrejas do Ministério Underground Crash Church, uma delas localizada em São Paulo, capital, e outra em Cuiabá, Mato Grosso.

2

Um desejo de presença que seria uma resposta à sensação de perda do mundo – “sensação de que já não estamos em contato com as coisas do mundo” e um impulso em direção a um desejo de “ultrapassar a metafísica” (GUMBRECHT, 2010, p.73).

3

Os *shows*, aos quais se referem os relatos deste texto, ocorreram na Praça Ipiranga, na região central de Cuiabá, numa noite quente de agosto de 2011.

4

Os relatos dos *shows* estão disponíveis integralmente em CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

imagens pontiagudas e animais. Há pouca luz, e as paredes negras servem de face às sombras em movimento. O calor transborda e com a reverberação do som tudo que há de material no lugar vibra. Apesar de nos remeterem aos tradicionais bares e casas *undergrounds*, estas descrições nos arrastam a outro lugar, um espaço onde regras religiosas e discursos proselitistas tentam amarrar uma estética e uma potência que parece sempre querer vaziar.

Estamos nos *shows* de Heavy Metal Cristão (HMC), sob a tutela das bandas de HMC e sua face de ligação institucional, os ministérios *undergrounds*. Essas bandas de HMC e ministérios *underground* são configurações desencadeadas devido a movimentos culturais cristãos, principalmente evangélicos⁵, direcionados à juventude que focam suas empreitadas conversionistas em discursos e espaços sintonizados com as novas gerações, ou seja, um esforço eclesial em dar suporte bíblico às experiências sensoriais – que caminha sob a égide de transformações na perspectiva escatológica⁶, na qual vigora o direito dos fiéis de gozarem a felicidade aqui e agora.

Tais configurações em movimento formam dinâmicas de “desinterdição de áreas de mundanidades” (JUNGBLUT, 2007, p.145) que atuam em diversas frentes, incorporando elementos considerados, tradicionalmente, seculares como: artes visuais, mídia, marketing, moda, estética moderna, internet, computação, comportamentos, estilos e música profana. Essas formas de relação e ação de aproximação ao mundo parecem estar alicerçadas num desejo de presença, um “priorizar a vida aqui e agora” (MARIANO, 2010, p.8). Passos e Rocha (2012) descrevem as expressões de religiosidade neopentecostais como “um reflexo do ‘espírito do tempo’, da chamada pós-modernidade” (PASSOS; ROCHA 2012, p.276), o qual modifica o objetivo de ação de um “‘celeste porvir’ para a imanência do presente histórico” (PASSOS; ROCHA 2012, p.276). Corpos e subjetivações sedentas de experiência imediata, intensa e fugidia.

Os *shows* de Heavy Metal Cristão, enquanto ações proselitistas, ocupam espaços de igrejas, praças, casas e festivais, e assemelham-se ao meio secular ao qual se opõem, seja na estética, na sonoridade e até mesmo em alguns discursos, os quais também servem de contraponto. Na estética preservam [ou incorporam] o uso das cores, dos traços de desenhos, do estilo de vestimentas, a pouca luz nos ambientes, as posturas e expressões agressivas e enfáticas em palco. Nas sonoridades cultivam exemplares de bandas dentre todos os vários dos subgêneros do *metal*. Mas são os discursos presentes nas letras das músicas, nas pregações entre os *shows*, e na “conduta” dos metaleiros que pretendem separá-los da tradicional cena *heavy metal*. “Servir” a Deus, ter Jesus Cristo como “a verdade”, “louvar”, e “combater” o “mal” são implicações diárias, que devem orientar e permear os conteúdos e escolhas de ação.

O Mal do qual cantar e dançar podem proteger, corriqueiramente, expressado na imagem e na influência do Diabo é tema frequente, e parece adquirir um protagonismo no HMC. Enquanto imagem e ação construídas desde o Antigo Testamento até os dias atuais, o Diabo está expresso nas opções estética das bandas de HMC por meio das materialidades que trazem do *heavy metal*; e também, nas pregações e letras das músicas, por meio de conteúdos doutrinários que parecem convergir com aqueles proferidos por alguns grupos do neopentecostalismo⁷.

O neopentecostalismo afirma uma visão dualista de mundo acirrada, vigorando um conflito permanente entre trevas (mal) e luz (bem), onde até mesmo as coisas mais insignificantes do cotidiano são ocasionadas por ações demoníacas ou divinas, não havendo espaço para o acaso, pois tudo o que ocorre “no mundo material’ decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no ‘mundo espiritual’” (MARIANO, 2010, p.113). Frente

5

O termo evangélico(s) será usado para designar, de forma geral, igrejas cristãs protestantes e membros dessas igrejas, apesar de o termo não ser usado mais como consenso. Ver: CAVALCANTI, Robinson. Igreja Evangélica – Identidade, Unidade e Serviço. Editora Ultimato, 2013.

6

Essa perspectiva escatológica teria o abandono progressivo da escatologia pentecostal clássica, “pré-milenarista, baseada na eterna e resignada espera do retorno de Cristo” (MARIANO, 2010, p. 45).

7

Corrente teológica e comportamental que apostar em estratégias proselitistas mais agressivas, e também carrega a exacerbação da presença do Diabo (MARIANO, 2010).

a isso, o Diabo, como presença, se torna indispensável aos discursos do cristianismo, principalmente, dos neopentecostais: pois sendo o Diabo o acusador do homem (OLIVA, 2007) e o princípio contrário a Cristo, seu papel é necessário, pois seria difícil definir o reino de luz sem fazer referência ao reino das trevas. “A mensagem central do Novo Testamento é a salvação: Cristo salva. E nos salva do poder do Diabo. Se o poder do Diabo é rejeitado, a missão salvadora de Cristo perde o sentido” (OLIVA, 2007, p.95).

A exacerbação da presença do Diabo e a necessidade do contraponto da mensagem salvífica aparece nas bandas de HMC, pois, se o neopentecostalismo exacerbou uma guerra cósmica entre Deus e o Diabo, trazendo-o para todas as áreas da vida cotidiana, essas duas bandas, enquanto herdeiros de alguns traços neopentecostais, vão guerrear contra o Diabo e seus aliados, tentando negar as mensagens em favor destes, mas mantendo quase toda a estética do *metal* extremo. Ou seja, são continuidades e descontinuidades que estabelecem com extensões do *heavy metal* e do neopentecostalismo, um movimento que estendem a si os usos estéticos e sonoros do *heavy metal*, mas acentua (e nomeia como diabólico) aquilo do *metal* que não está em submissão ao evangelho. Ao mesmo tempo, por serem dissidentes⁸ de instituições neopentecostais mantêm a intensa batalha contra o Diabo, mas focam grupos minoritários não acessados pelas igrejas neopentecostais. O HMC faz presente elementos profanos numa cruzada proselitista moralista:

Os roqueiros de Cristo subvertem os valores primitivos difundidos pelo rock. Embora revolucionários no louvor e na aparência, mantêm-se conservadores em outras esferas comportamentais. Na letra substituíram a tríade sexo, drogas e rock and roll, pelo lema vida, Jesus e rock and roll. Nas canções combatem o uso de drogas, o álcool, o tabaco, a pornografia e o sexo extraconjugal. Nos *shows* lutam contra o diabo e as legiões de demônios. Protestam contra a violência e o materialismo. Como todo pentecostal que se preze, apontam Jesus como panaceia para todos os males (MARIANO, 2010, p.215).

Produção de Presença e Momentos de Intensidade

As argumentações de Gumbrecht têm grande entrada nas reflexões de autores que pensam os fenômenos comunicacionais, em encontro com a possibilidade de trabalhar em um “campo não-hermenêutico”, o qual se prestaria a uma descrição do mundo que não se baseasse unicamente em processos interpretativos, mas incluiria “na própria existência a sensualidade de estar-no-mundo” (CARDOSO FILHO; MARTINS, 2010, p.152). Assim, Gumbrecht é descrito como um pensador dedicado “ao universo da materialidade das coisas” (FELINTO, 2006, p.202), trazendo uma alternativa ao excesso de hermenêutica (CARDOSO FILHO, 2009). O volume inicial sobre as materialidades da comunicação, editado por Gumbrecht e Pfeiffer (1988), é comentado por Hanke (2005) como “um programa de pesquisa, que pretende indagar sobre as condições, o lugar, o suporte e as modalidades de produção de sentido, que, por si, são isentos de sentido” (HANKE, 2005, p.02). Já Simone Sá (2004), por meio de uma genealogia das materialidades da comunicação, propõe um deslocamento, no qual Gumbrecht e outros autores de seu círculo se apropriariam de “argumentos que podem ser enquadrados dentro de uma tradição que tem sido sistematicamente explorada na discussão sobre o impacto das tecnologias dentro dos estudos de comunicação” (SÁ, 2004, p.02). André Lemos (2010) procura pensar o que ele chama de mídias locativas, com o auxílio da noção de materialidades da comunicação e teria ator-rede. Cardoso Filho e Martins (2010) sugerem o retorno à dimensão da presença

8

A banda de *death grind* Antidemon, foi criada em 1994, quando o vocalista e pastor, Batista, fazia parte da igreja neopentecostal Renascer em Cristo. Em 2006, após o desmembramento da Renascer, funda o ministério underground Crash Church São Paulo, o qual tem a banda como um das estratégias de evangelização. A banda *thrash metal* Menorah é criada em 2004, enquanto os membros faziam parte da Igreja Missionária Unida do Brasil. Em 2010, o líder da banda, Pastor Regi, seguindo os moldes da Crash Church São Paulo, funda a Crash Church Cuiabá, também trazendo a banda para integrar as atividades do ministério.

como parte que constitui a experiência e os processos de interação e não só como “um medium através do qual se manifestam conteúdos ou significados” (CARDOSO FILHO; MARTINS, 2010, p.146).

Felinto e Andrade (2005), observando a sistematização de Gumbrecht, em *Production of Presence*⁹, para as três áreas das Humanidades (estética, história e pedagogia), apontam suas contribuições como uma abordagem materialista dos problemas das ciências humanas e uma “alternativa às perspectivas construtivistas das teorias contemporâneas dominantes” (FELINTO; ANDRADE, 2005, p.81). Outras pesquisas tentam pensar algumas noções, formuladas por Gumbrecht, sobre a dimensão material no campo da estética, como a oscilação entre efeitos de presença e de sentido em programas policiais desenvolvida por Alves e Silva (2014) e a noção de epifania estética, elaborada por Baena e Amaral Filho (2014), em manifestações de bandas de heavy metal.

Reconhecidos alguns trabalhos que comentam a obra de Gumbrecht, para o que se propõe este ensaio, será preciso considerarmos as sistematizações do autor, em *Produção de Presença* (2010)¹⁰. Em um primeiro momento do livro, desenvolve conceitos e destrincha a fórmula de “produção de presença”. Em seguida, pontua a divisão das disciplinas das Humanidades em estética, história e pedagogia¹¹, mantendo o foco do livro numa produção de presença na estética, devido à “relevância epistemológica” que a “epifania”¹² estética pode proporcionar (GUMBRECHT, 2010, p.122).

A estética em Gumbrecht não possui convergências com as elaborações de Kant e Hegel, extremamente conceituais, já que estes não se dedicaram ao empírico¹³, de modo que, ao pensar a experiência estética, o autor não a restringe à interpretação e atribuição de sentido, mas propõe um alargamento das formas tradicionais potenciais para a experiência estética, não considerando apenas a literatura, música clássica ou pintura de vanguarda. O tradicional conceito de experiência estética não seria suficiente para abrigar todo o potencial que um “campo da experiência estética” possa reunir, no qual Gumbrecht (2010) inclui momentos que causam sensações, como uma jogada de futebol, a beleza de um corpo, as notas de uma música, entre outros. São sensações que não teriam nada de edificante, chamando-as de “momentos de intensidade” – ou “experiência vivida” –, que seriam “concentrados em” ou “tematizações de” “objetos que, em nossas condições culturais, oferecem graus específicos de intensidade sempre que os chamamos de estéticos” (GUMBRECHT, 2010, p.128). Assim, “momento de intensidade” seria como um sentimento intrínseco de intensidade, o qual conjuga a fragmentação temporal de “momento”, porque não está ao nosso alcance prolongar, e a dimensão quantitativa de “intensidade”, uma vez que, de forma elevada, vincula “o funcionamento de algumas de nossas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e talvez físicas” (GUMBRECHT, 2010, p.127).

Em momentos de intensidade/experiência estética¹⁴ temos a tensão entre sentido e presença, sem que haja uma neutralização ou uma complementaridade; e essa “tensão/oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido dota o objeto de experiência estética de um componente provocador de instabilidade e desassossego” (GUMBRECHT, 2010, p.137). Essa tensão/oscilação não necessariamente abriga componentes – de sentido e de presença – de mesmo peso, porque “existem distribuições específicas” que são dependentes “da materialidade (isto é, da modalidade mediática) de cada objeto da experiência estética” (GUMBRECHT, 2010, p.138); por exemplo, de maneira geral, existiriam mais elementos de sentido num texto e mais elementos de presença numa música. São oito as camadas que formam a noção de experiência estética, para o autor, camadas de argumentação estas que se sobrepõem, uma complementando a anterior e

9

Obra publicada em inglês, em 2004, pela Stanford University Press.

10

Este trabalho utiliza a versão traduzida do livro *Production Presence* (2004), publicado em 2010, conforme consta nas referências do ensaio.

11

Desenvolve pensamentos sobre mudanças em cada uma dessas áreas. No campo da história, interessa-se pela “presentificação” de mundos passados: as técnicas que produziram uma sensação de que os mundos passados seriam novamente tangíveis. No campo da pedagogia, acredita que a tarefa mais importante de um professor seria confrontar os alunos com a complexidade intelectual (GUMBRECHT, 2010, p.123), mas em *Produção de Presença*, seu foco está na estética.

12

Epifania, aqui, seria a apreensão, geralmente inesperada, do significado de algo. Em uma acepção mais ligada à religião, um aparecimento ou manifestação divina.

13

Para o autor, o surgimento da “Estética”, no século XVII, como subdisciplina, já pode ser compreendido como um sintoma de um desejo pós-cartesiano e pré-romântico de contato sensual com o mundo dos objetos (MOREIRA; ROCHA, 2005).

14

Daqui em diante, ao mencionar experiência estética, estaremos nos restringindo ao sentido de momentos de intensidade ou experiência vivida, segundo Gumbrecht (2010).

abrindo os pressupostos para a próxima, ao mesmo tempo em que fecham um círculo, onde a oitava argumentação acaba por remeter à primeira.

Gumbrecht (2010) inicia pontuando que 1) os momentos de intensidade não têm a pretensão de serem edificantes e deixam uma nostalgia ou sentimento de perda; 2) essa perda, ou nostalgia, é devido à segunda camada de argumento, pois esses momentos não estão disponíveis¹⁵ nos mundos histórica e culturalmente específicos do cotidiano; 3) esses momentos de intensidade não carregariam uma carga ética, porque, se feito isso, a dimensão intensiva seria diluída ou normalizada¹⁶; 4) os momentos de intensidade teriam uma disposição específica, seja um arrebatamento pela relevância imposta, seja uma preparação por meio de uma disposição serena¹⁷; 5) os momentos de intensidade ocorreriam de uma tensão entre efeitos de presença e efeitos de sentido¹⁸; 6) os momentos são efêmeros: uma epifania, que surge do nada, tem uma articulação espacial e sua temporalidade pode ser descrita como um “evento”; 7) os momentos de intensidade trazem uma violência¹⁹, pois nos ocupam ou bloqueiam nosso corpo; e 8) os momentos de intensidade nos impedem de perder por completo uma sensação, uma recordação da dimensão física nas nossas vidas e um estar em sintonia²⁰ com as coisas do mundo.

Com base nas noções de “produção de presença” e “momentos de intensidade”, nossa primeira afirmação é que os shows de Heavy Metal Cristão partem de um contexto de acentuação da dimensão material e da presença, acessíveis por intermédio de uma “produção de presença”. Essa ideia se desenvolve ao pensarmos os shows de HMC sob/por meio da tipologia binária de dez conceitos para uma cultura de presença, construída por Gumbrecht (2010, p. 106-113)²¹; por conseguinte, as experiências estéticas, a partir dos *shows* de HMC, caminhariam próximas às “camadas” argumentadas por Gumbrecht (2010, p.125-148). Nesse sentido, apesar de a experiência estética ser uma oscilação entre efeitos de presença e sentido, os *shows* de Heavy Metal Cristão estão em uma distribuição específica mais próxima de uma produção de presença (GUMBRECHT, 2010), de modo que, por essa razão, têm potencial para suscitar aquilo que o autor chama de “um sentimento intrínseco de intensidade”. Felinto (2012), ao se referir a Gumbrecht (2010), lembra-nos de que sempre existiram contextos culturais, através da história, nos quais eram mais fortes os temas da materialidade e da presença, e outros contextos culturais, em que se sobressaía uma discussão a respeito do sentido, bem como da imaterialidade; assim, nenhuma cultura é só de presença ou só de sentido, porém, há a predominância, em um determinado tempo histórico, para alguma dessas vertentes. Mesmo com o destaque da cultura de sentido desde o início da modernidade, há porções de mundo, atualmente, nas quais a materialidade e a tangibilidade se sobressaem, culturas de presença nas quais se exprimem formas de experimentar o mundo mais pautadas em uma produção de presença. Neste texto, o HMC é uma dessas porções, onde as materialidades estão em evidência sobre os elementos de sentido, e essas materialidades são potenciais para os “momentos de intensidade”.

Uma proposta metodológica para o estudo da produção de presença

Antes de adentrarmos na sistematização das camadas dos momentos de intensidade no contexto dos *shows* de HMC, iremos abrir parênteses para uma aproximação da noção de experiência estética às “práticas espetaculares” ou “práticas de se dar a ver ao outro” (ICLE, 2010, p.25). Icle afirma que, apesar de sermos homens e mulheres “ordinariamente” orientados por uma vontade de significados, nas práticas espetaculares, há uma partilha de significado e uma partilha de presença, uma similaridade

15

Esta segunda camada é uma resposta ao “apelo específico que esses momentos exercem sobre os homens”, ou seja, quais as razões que motivam à procura de uma “experiência estética”. Assim, é provável que a busca por esses momentos de intensidade sejam sintomas de necessidades e desejos pré-conscientes, e, por essa razão, não estão disponíveis nos mundos cotidianos.

17

Na quarta camada, estão as formas de se chegar à situação de insularidade: seja pelo modo dramático, quando há o aparecimento súbito e a percepção é desviada, seja pela serenidade, na qual o homem se prepara para o momento de intensidade.

18

Na quinta camada, está a questão de “o que nos fascina nos objetos de experiência estética?”, à qual responderíamos como um desejo de tangibilidade diante de um mundo saturado de sentido.

19

Esta camada refere-se à argumentação de se a epifania estética “envolve necessariamente um elemento de violência?”, respondendo que, se a epifania está nos momentos de intensidade, e ela só é possível por meio da emergência de uma substância, necessariamente haverá uma violência, seja esta violência física, seja ilusória, por não possuir espaço tridimensional.

20

Também descreve como “experenciarmos” as coisas do mundo em sua coisidade pré-conceitual, capaz de reativar uma sensação pela dimensão corpórea e pela dimensão espacial da nossa existência, a qual, muitas vezes, é perdida pelo domínio de sentido.

com a “tensão entre efeitos de presença e efeitos de sentido” construída por Gumbrecht. Segundo Icle, o espetacular, por envolver as dimensões do atuante e do público, pressupõe uma relação, uma experiência a partir de uma vivência, e, usando o termo de Gumbrecht, descreve-o como “uma experiência vivida de presença compartilhada” (ICLE, 2010, p.25) e, assim, por ter capacidade de passar, tocar, modificar, intensificar, a experiência do espetacular é também uma experiência estética.

Tendo esses *shows*²² de Heavy Metal Cristão como práticas espetaculares, trazemos trechos dos relatos do diário de campo e dos vídeos e sequências de fotos que são compostos tanto por impressões do momento presencial, pois uma das autoras esteve nos *shows*, como impressões ao ver os vídeos e fotos, experiências e ambiências estas que aparecem e passam pelo ato de relatar. Metodologicamente, esses relatos foram pensados como *estratos*²³ que reúnem materialidades com características semelhantes. Para chegar a esses estratos, os relatos foram inseridos em tabelas divididas em tempos de 30 segundos (vertical) e diferentes estratos (horizontal), no caso dos vídeos, e apenas uma divisão horizontal, no caso das fotos; já dos relatos do diário de campo foram pinçados trechos que fazem menções a esses estratos. Esses estratos (objetos, adereços, cores, sonoridades, expressões faciais e corporais, temperaturas e cheiros) aparecem durante o ato de relatar, e são materialidades que atravessam os corpos e possuem características de toque diversificadas, como textura, luz, posição, densidade, forma e onda, com intensidades diferentes, pois há aquelas que se sobressaem às outras e que tocam de maneira mais contundente.

Relatos de um show de Heavy Metal Cristão: experiência estética e estratos de materialidades

Durante os *shows* de HMC, em uma numa noite quente de agosto de 2011, numa praça central de Cuiabá-MT, os corpos afetados por diferentes estratos²³ de materialidades, os quais possuem características diversificadas, deixam-se tocar pela textura, luz, posição, densidade, forma e onda dessas materialidades.

Os ruídos de um *show* de *metal* podem ser ouvidos a alguns quarteirões. Numa praça pública, sem paredes, as sonoridades se estendem sem encontrar barreiras para suas ondas, expandem-se e se distorcem, preenchendo os espaços. Esses sons aos poucos vão se multiplicando, são gritos dos vocalistas, gritos da plateia, vocais em gutural, vocais em agudo, música com *riffs* de guitarra, sequências, pedais duplos na bateria, graves do contrabaixo, batidas enfáticas, todos sons²⁴ que compõem o estrato *sonoridades*.

Quando na praça, logo se percebe que a iluminação irregular das ruas perdura, tornando-se ainda mais escassa. Banhada pela noite, a praça perde suas cores vivas, não há flores, não há camelôs, não há pipoqueiros, figuras que completam as manhãs e tardes, predominando os tons acinzentados do concreto e das grades tingidas pelas luzes amareladas da iluminação pública²⁵. O negro das vestimentas, o cinza da estrutura dos espaços, o alaranjado das tochas que iluminam os locais, as luzes ineficientes, as luzes para *shows*, tanto a presença como a ausência de luminosidade compõem o estrato *cores*.

O espaço também é marcado por diferentes cheiros, às vezes fétidos, às vezes ácidos, os quais, ao entrarem nas narinas, fazem o pescoço se deslocar, procurando refúgio. Os odores que impregnam o olfato acom-panham o deslocamento das pessoas na praça²⁶ urina, terra e desinfetante são partes do estrato *cheiros*. Esses cheiros são acompanhados de maneira muito próxima pelas materialidades do estrato *temperaturas*, quanto ao calor intenso da noite, à ausência de vento, à ausência de chuva e ao calor dos

21

Ver construção que aproxima os relatos dos *shows* de HMC com a tipologia de Gumbrecht em texto completo. Os relatos dos *shows* estão disponíveis integralmente em CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

22

Shows das bandas Menorah (Cuiabá-MT) e Antidemon (São Paulo-SP) realizados na noite de 27 de agosto de 2011, na Praça Ipiranga, no centro de Cuiabá-MT.

23

Dentre os diferentes significados da palavra *estrato*, apontamos como importantes para o entendimento do uso dessa palavra, neste texto 1. Cada uma das camadas dos terrenos sedimentares. 2. Divisão ou camada de uma estrutura ou de um conceito. 3. [Meteorologia] Nuvem disposta em forma de faixa larga e horizontal (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*).

24

Relatos dos *shows*. Trecho de relato de *show*. Ver relato em texto completo CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

25

Idem.

corpos. É esse clima que intensifica os odores da praça, e não há vento para dissipá-los, nem água para lavar seus motivos do concreto.

Na noite de *shows* de HMC, composta pela afetação desses quatro diferentes estratos de materialidades – sonoridades, cores, cheiros e temperaturas –, percebemos um caráter de excepcionalidade, por serem momentos os quais “não estão disponíveis nos mundos histórica e culturalmente específicos do cotidiano” (argumento da *segunda camada* dos momentos de intensidade), e que, por essa razão, deixam uma “nostalgia ou sentimento de perda” (argumento da *primeira camada*), além de não terem a intenção de serem edificantes e “não trazem uma carga ética” (argumento da *terceira camada*). Esses momentos são ápices no funcionamento de “faculdades gerais, cognitivas, emocionais e talvez físicas” (GUMBRECHT, 2010, p.127), sem que haja um domínio sobre seu acontecimento e duração, ou seja, não há um modo correto e seguro para que aconteçam e nem mesmo a esperança de prolongá-los. Não estão disponíveis no cotidiano, porque são “desejos pré-conscientes que existem em determinadas sociedades” (GUMBRECHT, 2010, p.128), profundamente mais próximas de uma cultura de presença²⁷, e é justamente pela brevidade desses momentos, em que o desejo de presença é alcançado, que ocorre o sentimento de perda ou nostalgia.

Os *shows* de HMC dessa noite têm o caráter de excepcionalidade, já que são, para os corpos presentes, exceções à imersão na cultura pautada no sentido. Esses *shows* são o fundamental de “Uma Noite”, não qualquer noite. Nessa noite, os estratos de materialidades dos *shows* apresentam-se aos corpos, ativam e evocam esses corpos – e “apresentam-se”, é importante lembrar, visto que o pensamento de Gumbrecht é permeado pelo pensamento de Heidegger e seus conceitos de “Ser-no-mundo” e de “desvelamento do Ser” –, porque, segundo Gumbrecht, essas formulações de Heidegger reafirmam a substancialidade corpórea e as dimensões espaciais da existência humana, contra o paradigma cartesiano, com intenção de substituir o conceito metafísico de “verdade”, o qual aponta para um sentido ou uma ideia. Assim, há nas materialidades uma substancialidade que se revela, apresenta-se aos corpos, toca-os, evoca-os e ativa-os.

Outro toque é do estrato *expressões faciais e corporais*, constituído de feições severas e rígidas, de braços erguidos, de socos no ar, de *headbanging*²⁸, *mosh pits*²⁹ e *stage divings*³⁰, que estão tanto nos corpos em cima do palco quanto nos corpos do público. As expressões faciais e corporais nunca estão sozinhas, são acompanhadas de gritos e urros, de sons que emanam dos instrumentos musicais, expressões as quais são usadas (acoplam-se) quando os vocalistas procuram interagir com o público e quando esse público demonstra uma sintonia com a música: uma composição palco/público de um visceral impulso de expressão e escape.

Algumas expressões corporais, como os citados *headbanging*, *mosh pit* e *stage diving*, são sempre acompanhadas por intensificações ou amenizações da música proveniente do palco – seja o *mosh pit* realizado pelo público ou *headbanging* feito por público ou pelos músicos³¹. As quebras nas músicas evidenciam a condução da bateria que, ao ser esmurrada pelo corpo com o rosto encoberto por cabelos, dita continuidades e descontinuidades, no balanço das cabeças. O *mosh pit* incitado pelo vocalista faz os corpos da plateia se chocarem, colocando os braços em defesa do peito e arremessando seu peso contra outros, estabelecendo um fluxo caótico de pontos que se compõem e desmancham pela oscilação da intensidade musical³². O mergulho do palco, *stage diving*, é feito não somente por pessoas do público que se agarram às grades do coreto e saltam em direção à cama de braços, como também pelo vocalista que abandona o microfone no pedestal e se lança em direção ao público³³. Essas expressões corporais são pensadas como “práticas espetaculares” ou “práticas de se dar a ver ao outro” (ICLE, 2010, p.25) e podem ser entendidas quer como momentos de

26

Idem.

27

É justamente por acreditar que esses momentos não tenham um grau de reflexibilidade acentuado e a nomenclatura “experiência estética” estar nas tradições filosóficas fortemente ligadas à atribuição de sentido que Gumbrecht prefere chamar esses momentos de “momentos de intensidade” ou “experiência vivida”.

28

Conhecido como a ação padrão dos *shows* de *metal*, significa “bater cabeça”, e é o movimento feito com a cabeça para frente e para trás, acima e abaixo, no ritmo da música.

29

Conhecida também como *roda punk*, é o momento em que vários corpos se jogam um contra os outros, chocando-se com violência.

30

São os saltos do palco, feitos por pessoas do público ou músicos, em direção à cama de braços montada pela plateia à frente do palco.

31

Trecho de relato de *show*. Ver relato em texto completo CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

intensidade para os corpos que as experienciam, quer como expressões potenciais para momentos de intensidade para os corpos que as presenciam.

Nas práticas espetaculares, compreendemos que estão envolvidas as dimensões do atuante e do público, pressupondo uma relação, uma experiência a partir de uma vivência, “uma experiência vivida de presença compartilhada” (ICLE, 2010, p.25), porque tem a capacidade de passar, tocar, modificar e intensificar. Ou seja, vários dos trechos dos relatos que culminam em *mosh pit*, *stage diving* e *headbanging* têm a música – sonoridade – como elemento propulsor que “fala” ao pé do ouvido: suba naquele palco, pule daquele palco, bata sua cabeça, corra e se choque com outros corpos. É preciso consumir a energia da música que entra pelos ouvidos, consumir os gritos e chamados emitidos pelos músicos, seja com a execução dos saltos do palco, seja com o *mosh pit* instaurado sempre que a música acelera ou que os músicos incitam a plateia ou, ainda, com o bater cabeça intermitente que segue os solos de guitarra e as acelerações rítmicas. Ao pensarmos essas expressões corporais como práticas espetaculares, alcançamos mais três camadas das argumentações de Gumbrecht sobre os momentos de intensidade: a *quarta camada*, que é a “disposição específica”, a *quinta camada*, intitulada “tensão entre efeitos de presença e efeitos de sentido” e a *sexta camada*, a “epifania”.

A “disposição específica” é o que acontece em frente ao palco, quando os corpos parecem estar abertos àquilo que vem a seguir, como se estivessem à espera de um toque. Essa espera, essa “abertura”, diz respeito a dois modos de entrar em uma situação de insularidade – estar perdido – quer pelo modo do “arrebamento pela relevância imposta”, quer pelo modo da “disposição serena” (GUMBRECHT, 2010, p.132). Enquanto o arrebamento pela relevância imposta se refere a aparecimentos repentinos de materialidades que possam desviar nossa atenção, a disposição serena é um estar aberto, ao mesmo tempo concentrado e disponível, como se fosse uma preparação para um momento de intensidade, mesmo sabendo que sua concretização não depende de nosso esforço. Assim, esse corpo em frente ao palco está numa disposição específica de serenidade, sedento por “estar perdido na intensidade concentrada” (GUMBRECHT, 2010, p.133).

Nas práticas espetaculares, há uma partilha de significado e uma partilha de presença (*quinta camada*), nas quais se tem uma “tensão entre efeitos de presença e efeitos de sentido”, que aparecem juntos e estão, certamente, em tensão, mas não podem ser reunidos numa “estrutura fenomênica bem equilibrada” (GUMBRECHT, 2010, p.134), dando aos objetos da experiência um componente provocador de desassossego e instabilidade, como mencionamos anteriormente. Nos *shows* de HMC, a dimensão da presença será predominante em relação à música, apesar de a dimensão do sentido existir igualmente por meio das conotações semânticas das letras que as acompanham. Um exemplo é o conglomerado de pessoas diante do coreto que olham em direção ao palco, antes de a música se iniciar: paradas, elas ouvem o vocalista que, ao introduzir a música, pede à plateia que faça uma roda *punk*, de maneira que, quando o volume e a velocidade da guitarra aumentam, sem que haja nenhuma letra a ser sussurrada, a plateia principia os movimentos duros, seja em direção ao chão, seja contra outros corpos.³⁴

E é quando esses momentos de intensidade, ou práticas de se dar a ver ao outro, ocorrem que temos a *sexta camada* das argumentações de Gumbrecht, a “epifania”. Epifania aqui se refere à efemeridade desses momentos e traz as características de algo que surge do nada (desvelamento do *Ser*, de Heidegger), que tem uma articulação espacial (tem substância e forma), e sua temporalidade pode ser descrita como um evento (tem imprevisibilidade, desconhecimento da intensidade e desfazimento, à

32

Idem.

33

Idem.

34

Diário de campo. Ver relato de diário de campo em texto completo
CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristiano*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

medida que surge). Nos *shows* de HMC, o público se dispõe de forma serena diante do espetáculo; dispõe-se mesmo sabendo – e aqui também está colocada uma das autoras – que aquela música, ou aquele *show*, que é capaz de despertar – ou que já despertou – sensações em nossos corpos, não pode ser impelido a despertar novamente essas mesmas sensações. Os corpos do público vão ao *show* e se colocam diante do palco, dão atenção à música, mas estão à mercê do “desvelamento” do objeto de experiência estética, à mercê do toque da materialidade, esteja ela no palco, no ar ou nos corpos dos outros.

O relato de um *stage diving* é capaz de revelar um vislumbre dessa epifania, desde o momento em que a banda toca os primeiros acordes até o momento derradeiro do salto. A música se inicia com uma gravação retorcida de uma voz que fala sobre “o Filho de Deus”, logo rangem os instrumentos: guitarra, baixo e bateria são acionados, juntamente com a iluminação instalada. A música se intensifica, os instrumentos ficam mais rápidos, os solos são prolongados. O vocalista grita, sem a técnica do gutural, monossílabas de chamamento “Ei, ei, ei, ei”. A música com quebras, ora mais rápida, ora mais lenta, faz com que os corpos em frente ao palco e, em cima dele, se movimentem de acordo com essa variação de velocidade. O vocalista soca o ar com os punhos cerrados, um homem do público sobe no coreto, vira em direção à plateia, abre os braços e salta³⁵. Há sensações naquele que salta e sensações naqueles que vibram ao ver o salto.

As duas últimas camadas dos momentos de intensidade, a *sétima camada*, “violência”, e a *oitava camada*, “sintonia com as coisas do mundo”, dizem respeito, respectivamente, ao acontecimento do momento de intensidade e, posteriormente, à sensação que nos resta dele. Assim, se a epifania, segundo Gumbrecht (2010), é um evento com substância que ocupa espaço, quando a epifania ocorre, a substância ocupa espaço e faz surgir a violência (sétima camada), ou seja, não há epifania sem substância, e a substância gera uma violência. Para exemplificar, o autor usa momentos de intensidade, como a destruição de edifícios, os acidentes de tráfego, o boxe, os rituais de tourada e o futebol americano, e a esses exemplos podemos adicionar, no que concerne aos *shows* de HMC, o *mosh pit*, o *stage diving* e o *headbaging*. Por fim, na oitava camada, está a busca final de Gumbrecht – e, de acordo com ele, de todos nós, mesmo que inconscientemente –, o estar “em sintonia com as coisas do mundo”. Conforme o autor, a experiência estética (sempre no sentido de momentos de intensidade) impede a perda por completo da “sensação ou recordação da dimensão física nas nossas vidas” (GUMBRECHT, 2010, p.146). A noção “em sintonia” seria um vislumbre daquilo que podem ser as coisas do mundo; e, por esse prisma, a autorrevelação do *Ser* não estaria restrita à epifania estética, mas seria igualmente uma autorrevelação da verdade, em geral. Nesse ponto, a oitava camada remeteria diretamente à primeira camada, “a nostalgia”, constituindo os momentos de experiência estética como um todo só, um ciclo interligado, pois a sensação de perda e a nostalgia que se instaura seriam devido a esse contato com as coisas do mundo ser efêmero, aparecer e se retirar no mesmo instante.

Considerações finais

Se a hermenêutica e a interpretação, “no discurso das Humanidades, estão protegidas por gestos de intimidação intelectual” (GUMBRECHT, 2010, p.80), este texto procurou um espaço em que a hermenêutica, como único modo de acessar e pensar a relação dos corpos com outros corpos e com o mundo, abre espaço para (também) uma relação através da presença, ou seja, um espaço epistemológico no qual fosse possível pensar, e ler materialmente, uma atividade comunicacional do pentecostalismo/neopentecostalismo brasileiro contemporâneo, o Heavy Metal Cristão, que possui

35

Trecho de relato de *show*. Ver relato em texto completo CORADINI, A. *Leituras para a dimensão material e Stimmung: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão*. Dissertação, PPG-ECCO, UFMT, 2013.

uma distribuição específica, poderíamos afirmar, mais pautada na “presença” do que no “sentido”.

Dessa forma, se, na passagem da Idade Média para o Mundo Moderno, a partir do campo hermenêutico, houve uma progressiva mudança na teologia eucarística, onde o “pão” passa a representar (protestantismo) e não mais “ser” (catolicismo) o corpo de Cristo (GUMBRECHT, 2010) pode-se perceber uma nova alteração, não especificamente na teologia eucarística, mas em outras características da doutrina, da ação e das relações religiosas – neste caso, pentecostais/neopentecostais brasileiras contemporâneas – as quais estariam se modificando para acompanhar o que descrevemos como uma acentuação da dimensão material e da presença, um reação à desreferencialização e perda do corpo, acarretada pela intensa ação de uma hermenêutica sempre colocada para além do material (metafísica) (GUMBRECHT, 2010).

Parte de uma acentuação da dimensão material e de atividades de aproximação ao mundo, o Heavy Metal Cristão, enquanto forma potencial para a experiência estética e expressão musical extremamente pautada no corpo e na presença, tem nos *shows* sua máxima forma de ação. Isso se dá por ser um gênero que toca tanto pelas sonoridades quanto pelas práticas espetaculares e expressões físicas, produzidas no palco e fora dele, e por ter a visceralidade e a dimensão da presença – física e espacial – como elementos imprescindíveis às suas ações proselitistas. Proselitismo que encontra o gênero musical *heavy metal* e todo seu peso estético, mas diverge no intuito das temáticas abordadas e em elementos referentes aos hábitos. Nesse ponto, os espaços ocupados por essas bandas parecem ser transpassados, concomitantemente, por elementos cristãos e profanos, estabelecendo uma relação de afetação sacro-profana.

Carregado de materialidades pulsativas e densas, os *shows* de HMC têm o potencial de tocar os corpos, e são as noções de Produção de Presença e de Momentos de Intensidade que nos auxiliam a ter acesso a essa dimensão material dos *shows*. Através dos relatos, identificamos os estratos de materialidades que, ao serem pensados pelas camadas de argumentações dos momentos de intensidade de Gumbrecht (2010), permitem um acesso por meio de uma “produção de presença”. São os diferentes tipos de toques das formas, texturas, posições, densidades e ondas dessas materialidades que suscitam um “sentimento intrínseco de intensidade”, porque há porções do mundo, as quais, independentemente de um processo hermenêutico, são sentidas, chegam a nós e nos envolvem, antes mesmo que possam ser interpretadas.

Sobre o artigo

Recebido: 22/01/2016

Aceito: 30/04/2016

Referências bibliográficas

BAENA, T. C. A.; AMARAL FILHO, O. Na terra do metal: materialidades e epifanias estéticas do heavy metal na fronteira amazônica. **Revista da**

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-Compós, Brasília, v.17, n. 2, maio/ago. 2014.

CARDOSO FILHO, J. Dilemas estéticos e hermenêuticos da comunicação. **Logos 31 Comunicação e Filosofia**. Ano 17, 2º semestre de 2009.

CARDOSO FILHO, J.; MARTINS, B. Presença e Materialidade na Experiência Contemporânea. **Revista Alceu**, v.11, n.21, p. 145-161, jul./dez. 2010.

CORADINI, A. M. **Leituras para a dimensão material e Stimmung**: Uma noite nos shows de Heavy Metal Cristão. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPG-ECCO), Universidade Federal de Mato grosso (UFMT), 2013.

FELINTO, E. **Passeando pelo Labirinto**: Ensaio sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. São Paulo: EDIPUCRS, 2006.

FELINTO, E. **Mesa Pensar os Objetos Técnicos**: Interfaces entre Filosofia e Comunicação. In: SIMPÓSIO A VIDA SECRETA DOS OBJETOS, Rio de Janeiro, 2012.

FELINTO, E.; ANDRADE, V. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. **Contemporânea**, v.3, n.1, p. 75-94, 2005.

GUMBRECHT, H. U. O Campo Não-Hermenêutico ou a Materialidade da Comunicação. In: **Corpo e Forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. João Cezar de Castro Rocha (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998a.

GUMBRECHT, H. U. Cascatas da Modernização. In: **Interseções**: a materialidade da comunicação. João Cezar de Castro Rocha (Org.). Rio de Janeiro: Imago: EDUERJ, 1998b.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. **Production Presence** (2004). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. [Tradução de **Production Producere**: what meaning cannot convey, 2004].

ICLE, G. Estudos da Presença: Itinerários interdisciplinares para a pesquisa nas artes do espetáculo. **Trama Interdisciplinas**, ano 1, v. 1, p.21-29, 2010.

JUNGBLUT, A. A salvação pelo *Rock*: sobre a "cena *underground*" dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2007.

LEMONS, A. Você está aqui! Mídias locativas e teorias "materialidades da comunicação" e "ator-rede". **Comunicação e Sociedade**, ano 32, n.54, p.5-29, jul./dez. 2010.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2010.

MOREIRA, M; ROCHA, L. M. Questões para Hans Ulrich Gumbrecht. Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht. **Floema**: Caderno de Teoria e História Literária. Ano 1, n.1 A, p.13-42, out, 2005.

OLIVA, A. S. **A História do Diabo no Brasil**. Fonte Editorial: São Paulo-SP, 2007.

PASSOS, M.; ROCHA, D. Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. **Revista Angelus Novus**, América do Norte, v. 0, jul. 2012.

SÁ, S. **Explorações da noção de materialidades da comunicação**. In: CONGRESSOS ANUAIS DA INTERCOM – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, 2004.